A LITERATURA E SUAS ABORDAGENS: RAÇA, ETNIA E CULTURA

LITERATURE AND ITS APPROACHES: RACE, ETHNICITY AND CULTURE

Alessandra Manoel Porto[1]

RESUMO: Este texto pretende discutir as abordagens acerca das concepções de raça, etnia e cultura na era pós-moderna e a forma como a literatura tem enfocado os temas em questão, haja vista que os conceitos alteram-se porque as identidades transformam-se também. Parte-se da hipótese de que nem todos esses conceitos encontram-se firmados: eles apresentam-se numa situação de entre-lugar, pois a identidade do indivíduo não é mais única. Como procedimento teórico-metodológico, busca-se suporte nos estudos de Appiah (1995), Bhabha (2010), Bauman (2005), Steiner (2001), Greenblatt (1995); Patterson (1995), Sollors (1995), entre outros, que discutem como tais temas vêm ganhando novos significados, tanto pelas características da era pós-moderna, como pelas perspectivas em que são focados pela literatura.
PALAVRAS-CHAVE: Etnia; literatura; pós-modernidade.

ABSTRACT**:** This paper discusses the approaches concerning conceptions of race, ethnicity and culture in the postmodern era and how literature has addressed these themes, in this way the concepts are altered because identities are transformed as well. It starts with the assumption that not all these concepts are defined, they are in a situation in-between place, because the individual's identity is no longer unique. As theoretical and methodological procedure, we used the concepts of Appiah (1995), Bhabha (2010), Bauman (2005), Steiner (2001), Greenblatt (1995), Patterson (1995), Sollors (1995), among others, discussing how these issues are gaining new meanings, characteristic of the postmodern era as the prospects that are focused on.
KEYWORDS: Ethnicity, literature, modernity

[1] Mestranda em Letras. UFMS – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos. Três Lagoas – MS – Brasil – CEP 79603-011– alemporto@yahoo.com.br

Discutir e conceituar nação, etnia e cultura, em pleno século 21, torna-se desafiador, principalmente se ainda se tiver em mente uma concepção de pureza e homogeneidade na identidade do homem. A era pós-moderna ou modernidade tardia (Hall, 2005) promove, sem dúvida, um alargamento de fronteiras, os "lá" já não são mais tão distantes como eram no século passado, configuraram-se em "extinções" de fronteiras tanto geográficas quanto linguísticas, como afirma Sollors (1995, p. 289).

Há muitas incertezas rondando todos os campos da ciência e o ser humano é o gerenciador de todo "esse espetáculo", há um ir e vir de confluências: ao mesmo tempo em que o homem o comanda, é comandado; que modifica, é modificado... E a raça, as questões étnicas, a cultura, enfim, como uma nação pode ser compreendida e definida nesse emaranhado?

A literatura, elemento estético do interior humano e transportado por ele, vem abordando, desde os primórdios, todos esses conceitos, ora de modo heroico, de valentia, de denúncias, ora de diferenças, de igualdades... São, pois, conceitos presentes nos documentários que eram apenas documentários, nos anseios da boa relação do homem "civilizado" com os nativos, nos desejos mais profundos de harmonia, ainda que julgados impossíveis, detalhados nas inúmeras páginas dos livros que trazem os conflitos religiosos e culturais.

Esse desejo de compreender o outro, de inscrever-se no outro ou, ainda, de difundir e repudiar as ações humanas, deu vida a muitos personagens, embebidos de prazeres e de tensões, mas recriados, na complexa tarefa de mostrar o outro ao outro por uma nova perspectiva, o que é diferente, mas que, ao mesmo tempo, é igual.

(Des)Conceitos

Segundo o antropólogo Darcy Ribeiro (1999), o conceito de raça era concebido com base na premissa da cor, assim, os descendentes, em especial, os africanos, não mais eram identificados pela sua origem etnogeográfica – eram os traços corporais e físicos que designavam tal parâmetro. Essa "validação" foi marca imprescindível para os casos de ignorância e racismo presentes ao longo da história. Considerando a permanência dessa concepção, confirma-se o perigo citado por Appiah (2007) de se criar identidades baseadas na questão de raça, porque dessa concepção errônea, surgem fortes precedentes para as questões racistas, em especial, para os indivíduos de origem africana que trazem, na pele, a cor que, sob uma ótica racista, leva ao preconceito.

De modo negativo, mesmo em pleno século 21, ainda impera a cor da pele como característica primeira para se demarcar uma raça, ponto em que Bhabha (2010, p. 326-327) postula que trazer na pele uma cor vai muito além da aparência: é um assumir-se entre os marginalizados, os deslocados, os diaspóricos, é ser vigiado e, de forma análoga, ignorado. Na verdade, a concepção de raça baseou-se em estereótipos ao longo da história e foi interpretada, segundo Appiah (1995), por duas correntes representativas para a sociedade: de um lado, a igreja que prezava por insistir na ancestralidade comum do ser humano; de outro, o Iluminismo, na defesa da razão, postulava que uma raça não era superior a outra, o que leva o autor a discordar: nem todas as raças eram iguais em superioridade, razão possível da superioridade racial do homem branco. Essa superioridade racial do homem branco não só se expandiu na "civilização", como também foi muito intensa no domínio dos povos primitivos, nativos do

Brasil, mas a modernidade avançou e os reflexos continuam atingindo agora, além daqueles, outros alvos: os pobres, os homossexuais, os idosos, as mulheres, os analfabetos, os do campo, os dos morros... enfim, far-se-ia uma lista conotando-se com a de Schindler, protagonista do filme *A lista de Schindler*, do autor Steven Spielberg, em que ele organiza numa fila, todos os oprimidos pelo massacre nazista, fila esta, segundo a ficção, de grande dimensão, tanto de desigualdade como de extensão, não diferente dos alvos da nossa realidade.

Para Bhabha (2010, p. 330), "o discurso de raça [...] expõe o problema da temporalidade ambivalente da modernidade, que é frequentemente negligenciado nas tradições mais 'espaciais' de alguns aspectos da teoria pós-moderna". A temporalidade é compreendida como um estado do sujeito frente às mudanças identitárias: tanto por influências sincrônicas como diacrônicas, que alteram os processos de identificação – de reinscrição num entre-tempo, num entre-lugar. O sujeito passa por uma espécie de reinvenção do "eu", dentro dos valores da pós-modernidade, e, de repente, muitos dos valores nele arraigados, principalmente em povos de culturas consideradas diaspóricas, segundo Bhabha (2010, p. 331 – 332), promovem situações de cisão, ora positivas, ora não, dependendo da perspectiva.

Busca-se, no presente estudo, ainda, compreender como a definição de etnia é abordada pelo viés literário, e não como grupo humano biológico e culturalmente homogêneo. Assim, vale observar a concepção de Sollors (1995, p. 228) quando afirma ser mísero definir "raça-como-tal", haja vista que o sentido é muito mais abrangente e não pode ser concebido tendo como critério-base a diferença, que acaba sendo muito relativa. Ademais, para o autor, (1995, p. 228), a identidade étnica, muitas vezes, é vista pela ótica da antítese, da negação do outro, do diferente, da lógica historicamente cristalizada na sociedade; a título de exemplo, *ele é índio, portanto não é branco, é diferente*, raciocínio que leva ao extremo a definição de identidade - tendência ao etnocentrismo, isto é, instala-se um grupo que busca manter-se com imagens e representações de vida diferentes de outros (a superioridade do eu – que se torna relativa em cada cultura) Daí a necessidade da convivência pacífica entre os povos, consequência talvez da necessidade de que trata Bhabha (2010, p.201) quando compreende que as nações anseiam pela modernidade, no entanto, buscam adventos do passado para representar suas glórias, trazendo como fonte, à guisa de compreender essa problemática, o espaço da literatura moderna, mais especificamente a tradução, que o autor (2010, p. 333 – 334), concebe não para resolver os problemas das "diferenças históricas", mas para expandir o outro, o desconhecido e inscrevê-lo na era pós-colonial, momento em que a cesura temporal tem intuito transformador dos estereótipos sociais, cristalizados ao longo da história, propiciando ao outro uma nova perspectiva.

A difusão de etnia, de acordo com Sollors (1995, p. 289), aconteceu a partir de independências das colônias americanas em relação à Inglaterra, a Espanha e a Portugal (entre os séculos 18 e 19) e francesa (século 18), com a melhora de vida dos trabalhadores urbanos e rurais e com a audácia da burguesia nacional em difundir os seus ideais nacionais, de modo que o conhecimento acabou alavancando fronteiras, tanto geográficas como linguísticas, sendo a literatura posta como a conexão entre as civilizações por meio dos jornais, dos manifestos, das canções, das peças de teatro, enfim, a identidade de pertencimento burguês era comercializada por todo o mundo. O autor assevera que, nesse momento, firma-se tanto uma situação de etnia como também de

etnocentrismo. Para Sollors (1995, p. 289), a questão da etnia está inserida no sentimento de nacionalismo, como marca de territorialidade.

Ao trazer-se o postulado de Greenblatt no que se refere à concepção de cultura, a discussão torna-se necessária pela abordagem que se vem dando até aqui: a formação identitária de um povo, seja por escolhas, seja por imposição. Em consonância com Greenblatt (1995, p. 225), o termo cultura não era tão utilizado nos estudos literários, é um termo mais recente e abrange muitas áreas do conhecimento humano, no entanto, com a frequência acelerada do uso nos últimos tempos, acabou se referindo vagamente a uma variedade de "capacidades e hábitos". Em virtude desta constatação, o autor tece algumas considerações que podem definir melhor o conceito de cultura, que pode ser observado dentro do panorama social e, consequentemente, na literatura. Para isso, o autor apresenta duas correntes opostas: a de restrição e a de mobilidade. Como restrição, a cultura define-se como um conjunto de regras que estruturam e delimitam o comportamento social; a "quebra" dessas normas, conforme o autor, pode levar a consequências severas: exílio, prisões e até mesmo execução, uma vez que a "obediência" rende outros benefícios, uma espécie de troca, pois a sociedade é organizada dentro dos valores considerados "adequados" aos seus interesses. Quanto à mobilidade, Greenblatt (1995, p.227-228) postula que ela é a possibilidade de elasticidade que permite à cultura as mudanças ao longo de um período, ela é uma das razões de sobrevivência de uma cultura, mesmo dentro de um sistema de restrição.

Nesse aspecto, podem ser inscritas as culturas indígenas que, mesmo dentro um sistema social de transformações, tentam firmar a sua identidade "não cindida". O excerto apresentado a seguir, é parte do *corpus* de minha dissertação[2] de mestrado, em fase de elaboração. O excerto/resposta traz o discurso de um dos professores Terena da Aldeia Limão Verde, em Aquidauana – MS, cuja pergunta feita foi "professor, você acha que a relação do indígena com a sociedade dominante altera sua identidade?":

> [...] eu posso me mudar assim... eu posso me pintar de loiro... eu fazer um salto alto... mas eu nunca vou deixar de ser indígena né... porque a... os meus traços num: num negam que sou indígena né... [...] pra mim... falar pra mim.....o Terena é muito importante... que essa é minha identidade... então eu não tenho vergonha né... (transcrição da autora).

No excerto, a indígena marca a sua territorialidade, mesmo dentro de um sistema de restrição (a cultura do branco), no entanto, confirma-se, no fragmento, a concepção de Greenblatt (1995), de que algumas comunidades nativas ainda sobrevivem porque "aceitam" penetrar diariamente as gotas de mobilidade, mesmo que inconscientemente.

Muitos conflitos sociais têm provocado problemas de crises identitárias, dentre eles, os religiosos, que são originados por trazerem modelos culturais embutidos na questão identitária, tanto de um povo-nação, como de uma etnia. Adriani (1988), destaca algumas características acerca da diversidade religiosa, das quais, pode-se compreender os motivos de tantos enfrentamentos, da variação nas concepções entre certo e

[2] Concepções de língua e linguagem de professores Terena, Região Aquidauana – MS, pela UFMS – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

errado; bem e mal – como o caso de conflitos entre católicos e protestantes, a Reforma Protestante (iniciada na Alemanha, por volta de 1517); o ataque às Torres Gêmeas nos Estados Unidos em 2001, pelos iraquianos, (morte de inúmeros civis), "limpeza étnica" na Bósnia em 1992, em busca da homogeneidade ideológica – expulsão dos não sérvios; o Holocausto (durante a Segunda Guerra Mundial), que consistiu no sacrifício pelas autoridades alemães de grupos considerados "raças inferiores" – judeus.

Muitos desses conflitos, aparentemente de cunho religioso – ou não - receberam associações metafóricas (islamismo- império do mal), "limpeza étnica", "crentes", estereótipos que, ao longo da história, vêm sendo denunciados, nas linhas da literatura, e quão importante será o papel das interartes nos desafios do século 21. – eles ganham novas dimensões e novos desafios: migrações, imigrações, emigrações, exílios, invasões, tantos e tantos de forma desordenada que parece levar o indivíduo a estar "perdido" no conceito pessoal de nação, de identidade étnica, de cultura. Greenblatt (1995, p. 228-229) pondera que cada cultura apresenta a sua diversidade de razão entre a mobilidade e a restrição, desse modo, há culturas que clamam por ordem absoluta; outras, fazem-no por liberdade; umas, por sobrevivência; outras, por limites. Na verdade, a concepção de mobilidade e de restrição é também uma questão cultural: variam as circunstâncias, os "padrões" e até mesmo as consequências. Ainda, segundo Greenblatt (1995, p. 230), a cultura é uma rede particular de negociações nas transformações dos bens, das ideias, das atitudes e também das pessoas , no entanto, nesse "intercâmbio", é possível que haja conflitos para que os objetivos iniciais sejam concretizados.

Pergunta-se então: como a literatura tem abrangido esses temas tão polêmicos, como ela tem se portado frente a eles?

É importante ressaltar o papel da literatura, principalmente quando se busca um conceito para ela em meio a situações conflituosas. Lee Patterson (1995, p. 260) afirma que "os textos não se limitam a refletir a realidade social, mas criá-la", assim sendo, a literatura não assume necessariamente um páreo com a realidade, mas mostra caminhos outros em que a realidade poderia ser recriada, daí as temáticas abordadas por meio da interartes - romance, pintura, escultura, coreografia, música, arquitetura, cinema, teatro, traduções e adaptações, ora aceitos passivamente, ora por meio de atitudes de repudio, principalmente dependendo do nível de restrição a qual pertence a obra literária e a cultura de seu público. Consoante Greenblatt (1995, p. 229), os romances, em geral, são criados dentro de modelos culturais e as questões sociais, emocionais e intelectuais são abordadas por eles, no entanto, muitas vezes, não são "recepcionados" passivamente, há a presença, nessa situação, tanto de mobilidade como de restrição. A literatura pode se valer dessa concepção e trazer à tona romances de mobilização social que são verdadeiros "incômodos" para a sociedade dominante, haja vista uma "recriação" bem próxima à situação/cultura do momento, mas os autores/obras se valem de que toda e qualquer semelhança é mera coincidência.

A literatura, em especial, a nacionalista, vem, desse modo, contribuir para a quebra de tabus e paradigmas cristalizados, ao longo da história, ao enfocar mitos, crenças, injustiças que só puderam ser conhecidas e repudiadas pela mágica da recriação, pelo recriar da "mera coincidência", as denúncias puderam ser concretizadas, as culturas conhecidas e respeitadas (pois se respeita aquilo que se conhece), a aclamação de valores colocados em pauta na linguagem literária chama a atenção da sociedade para os problemas sociais, de um modo nobre, por meio de um novo olhar, sob outra perspectiva, distinta da real. A capacidade do fazer literário é a ponte da ilha mais re-

cônditа à metrópole: esse divulgar revela toda a magia e toda tensão cultural, religiosa, racista, preconceituosa, ímpar, mas contínua que, repaginadas, ganham força e só então a capacidade universal de realizar as convergências: poder de se fazer voltar exilados, de se ouvir os nativos, de amenizar os conflitos, etc. Trazer tais questões ao foco, ao centro das discussões para a sociedade, pelo viés literário, é mexer com os sentimentos mais profundos, é levar o conhecimento ao outro, do outro. Aí está a premissa da literatura, sem fronteiras geográficas nem tampouco linguísticas (a literatura alcança essa façanha); há muito por conhecer, talvez ainda por des(conceituar). Como afirma Bhabha (1998, p. 332), a literatura promove as confluências e o respeito pela alteridade cultural.

Daí a necessidade de apurar os sentidos para observar as marcas de nacionalismo, em obras do início do século 21, mais precisamente, no primeiro decênio. As obras elencadas a seguir, são apenas um esboço de como os temas abordados neste estudo, vêm sendo inseridos nos romances em princípios do novo século. A questão cultural é discutida, não apenas da perspectiva da diferença, mas como quebra de discursos cristalizados nos séculos passados. Obras ainda, em que se destacam os conflitos identitários vividos por personagens em busca da própria identidade ou da nação, como nas obras *Mongólia*, de Bernardo Carvalho (2003) e *O sol se põe em São Paulo*, também do mesmo autor (2007). A questão do "subalterno", como ameaça à hipocrisia da sociedade dominante pode ser analisada em *Dois Irmãos*, de Milton Hatoun (2000) - obras nessa temática retratam o que, segundo Faria (1988, p. 73), são as consequências de um não planejamento social, para o autor, "a libertação dos escravos desencadeou um incremento nas atividades urbanas, contrastando com a tradicional atividade agrícola", haja vista, que o "negro", em especial, sobrevive ainda na subalternidade, fato consoante com a concepção de Jessé de Souza (2003) que vê essa "relação" como sadomasoquista, negros, mais tarde, presentes nos cenários dos cortiços dos grandes centros – surgimento da nova periferia.

Nesse viés, ainda do foco na literatura contemporânea, as criticas à política e às astúcias do poder, são narradas nas obras *Altura e a largura do nada*, de Ignácio de Loyola Brandão (2006), e em *Cinzas do Norte*, de Milton Hatoum (2005). Sobre as dúvidas existências do ser humano, em que a religião não é creditada vale-se de exemplo o livro *A máquina do mundo repensada*, de Haroldo de Campos (2001), que aborda tais discussões. Embora algumas obras tragam, em seus enredos cenários do século 20, os temas como cultura, etnia e raça estão sendo abordados de modo mais desprendido e mais heterogêneo. É pertinente ainda apresenta a obra *Maíra*, de Darcy Ribeiro (1976), que, apesar de ter sido escrita no final do século 20, o enredo já não se constituía mais daquele nacionalismo marcado pelo "heroísmo" indígena dos séculos 19 e 20 cede lugar ao indígena inserido na cultura do branco e seu conflito interior quanto aos valores étnicos. Candido (1999, p. 87), ao referir-se à obra, afirma que o indígena já era apresentado também num conflito interior na recuperação da identidade étnica.

Na verdade, muitas culturas têm sobrevivido, mesmo que parcialmente, inclusive a indígena, devido a uma "aceitação" de mobilidade cultural, haja restrições do século 21, como adverte Bauman (2005, p. 28), tendem a forçar as "identidades menores" à sucumbência da superioridade da "identidade nacional".

De modo mais ousado, porque esteve à frente dos estudos literários, sendo a Europa precursora nestes estudos, a literatura estrangeira contribuiu significantemente para a exteriorização dos conceitos de etnia, raça e cultura, temas abordados nos ro-

mances como verdadeiros "tapas com luvas de pelica" que promoveram tanto crises de restrição como de mobilidade, quer no público leitor, quer nas esferas dominantes na época em que foram escritos - críticas aos movimentos políticos, racistas, culturais/religiosos. Mesmo ainda no início do século 21, as perspectivas dos temas em questão, figuram os anseios do século.

Vale elencar algumas obras que trazem questões voltadas para a busca da identidade pessoal e cultural, "ameaçadas" ou "recuperadas", dependendo da perspectiva em que se olhe, como nos romances *Plataforma*, de Michel Houellebecq (2002), *Vá aonde seu coração mandar*, de Susanna Tamaro (2007). Outras obras ainda, que trazem também as problematizações racistas, embora em espaços modernos (faculdade, ambientes políticos), mas que as narrativas, segundo Bhabha (2010, p. 205), ainda revelam um páreo opositor: "de senhor e de escravo", que de fato, ainda se mantem presente na sociedade, apesar de "nova vestimenta", como em *A Marca Humana*, de Philip Roth (2002), *A Mercy*, de Morrison (2008), em *Neve*, de Orhan Pamuk (2006). Ainda, há aquelas que, ao focarem a religião, trazem no enredo, articulações políticas que marcam as inquietações humanas: superação de traumas em defesa da religiosidade, mas também de indecisões frente às doutrinas religiosas, enfim, temas das obras *Responda-me*, de Susanna Tamaro (2001), *2666*, de Roberto Bolaño (2010), *Austerlitz*, de W. G. Sebald (2001).

Embora, muitos dos romances apresentados, prendam suas tramas a fatos ocorridos nos últimos séculos, a nova tessitura dos enredos remete-nos ao que concerne Greenblatt (1995, p. 226), que eles apontam para a necessidade de examinar a cultura do momento, mas num viés com a época relatada no enredo, para que haja uma apreciação plena ou, pelo menos, mais adequada sobre como os efeitos culturais estão contextualizados. Ainda para o autor (1995, p. 230-231), a literatura é a "ponte" entre a restrição e a mobilidade, haja vista que, por meio dela, é possível a aplicação de ideais de outras sociedades na sociedade nacional, além da ampliação da dimensão cultural entre leitor e escritor. Tal perspectiva é abordada também por Patterson, ao referir-se às obras literárias. Ela afirma que

> mesmo aquelas providas de um passado cronologicamente distante, são trazidas para o presente, ao lado de uma textualidade irreparavelmente deficiente. Na verdade, conhecemos o passado, não simplesmente pela interrogação aos textos sobreviventes, que o representam, mas também pelos seus efeitos determinantes sobre nossas próprias vidas. (PATTERSON, 1995, p. 259)[3].

Há uma ilusão de completude (busca do passado pelo presente), mas ilusão necessária para que uma obra literária possa, além da fruição estética, também ter função social. Como afirma Steiner (2001, p. 152), por ser a língua um processo tanto oral como escrito, ela é carregada de história, de ideologias, assim, nem tudo conseguimos absorver. Daí a essência do trabalho teórico-metodológico – os desafios em tentar compreender, por meio de "vestígios", o pensamento de uma época.

[3] ...even those of a chronologically distant past, are sequestered into a realm of presence closed to an irreparably deficient textuality. In fact, we know the past not simply by interrogating the surviving texts that represent it but also by its also by its determinative effects upon our own lives. (PATTERSON, 1995, p. 259).

Neste breve texto, procurou-se analisar como a literatura vem delineando, nas páginas dos romances, temas tão conflituosos nas sociedades. Pode-se considerar que muitos dos eventos sociais ganharam outros percursos graças à ousadia de diversos autores nas temáticas voltadas para a cultura das margens, dos ideais abolicionistas, das intransigências de movimentos políticos, de massacres em nome de princípios religiosos, das lutas em defesa de um nacionalismo, de uma cultura, que custaram abrir mão da própria identidade, pelo menos por um tempo.

Apesar de terem as fronteiras encurtadas, tanto geográficas como linguísticas, tornando-se mais delicado trazer o conceito firmado de raça, etnia e cultura no século 21, a literatura tem (re)desenhado esses cenários. A identidade da sociedade está num entre-lugar, como afirma Bhabha (2010), admitir uma única identidade para um indivíduo/grupo é colocá-lo numa camisa de força, não lhe permitindo uma possível mobilidade, mesmo dentro de um sistema de restrição. Por mais que se tenha evidência que esses conceitos sejam ainda abordados pela sociedade pela premissa da "diferença", causando o preconceito e, consequentemente, a exclusão e outros malefícios: massacres, exílios... a literatura surge como um dos elementos constitutivos na quebra de muitos paradigmas, ela traz a urgência, segundo Coracini (2007), de se conhecer o outro... de se mostrar o outro ao outro. Em conformidade com Candido (1999, p. 97) ao salientar que quando a literatura atinge tanto os objetivos estéticos como os sociais "é sem dúvida sinal do amadurecimento de uma cultura". Assim, nesses "cá" e "lá", hoje mais ainda, com menos fronteiras, muitas barreiras até então cristalizadas pelas "diferenças" étnicas e raciais pela sociedade, podem ser vistas sob uma nova perspectiva, fato possível pelo trabalho crítico das interartes.

Referências

ADRIANI, M. **História das religiões**. Trad. João Gama. Lisboa: Edições 70, 1988.

APPIAH, A. K. Race. IN. **Critical Terms for Literacy Study**. Frank Lentricchia: Thomas McLauhlin (eds.). Chicago/London: The University of Chicago Press, 1990, p. 274-287.

_____. **Na casa de meu pai**. 2. ed. Trad Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto Editora, 2007.

BHABHA, H. **O local da cultura**. 5 ed. Trad. Miriam Ávila, Eliana L. Reis e Gláucia R. Gonçalves. Belo Horizonte: Editora da UFMS, 2010.

BAUMAN, Z. **Identidade: entrevista a Benedicto Vecchi**. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

BOLAÑO, R. *2666*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

BRANDÃO, I. L. **Altura e a largura do nada**. São Paulo: Jaboticaba, 2006.

CAMPOS, H. de. **A máquina do mundo repensada**. São Paulo: Ateliê Editoria, 2001.

CANDIDO, A. **Iniciação à Literatura Brasileira**. 3.ed. São Paulo: Humanitas, 1999.

CARVALHO, B. **Mongólia**. São Paulo: Companhia da Letras, 2003.

_____. **O sol se põe em São Paulo**. São Paulo: Madras, 2007.

CORACINI, M. J. R. F. **A celebração do outro**. Campinas: Editora da Unicamp; Chapecó: Argos Editora Universitária, 2007.

FARIA, G. L. **A presença de Oscar Wide na "Belle Époque" Literária Brasileira**. São Paulo: Pannartz, 1988.

GREENBLATT, Stephen. Culture. IN. **Critical Terms for Literacy Study**. Frank Lentricchia: Thomas McLauhlin (eds.). Chicago/London: The University of Chicago Press, 1990, p. 225-232.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 10 ed. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2005.

HATOUN, M. **Cinza do Norte**. São Paulo: Companhia da Letras, 2005.

_____. **Dois irmãos**. São Paulo: Companhia da Letras, 2000.

HOUELLEBECQ, M. **Plataforma**. Rio de Janeiro: Record, 2002.

MORRISON, T. **A Mercy**. New York: Vintage, 20008.

PATTERSON, L. Literacy History. IN. **Critical Terms for Literacy Study**. Frank Lentricchia: Thomas McLauhlin (eds.). Chicago/London: The University of Chicago Press, 1990, p. 250-262.

PAMUK, O. **Neve**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

PORTO, A.M. **Concepções de língua e linguagem de professores Terena, Região Aquidauana –** *MS*. Dissertação em elaboração (Mestrado em Letras) - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus de Três Lagoas, Três Lagoas, 2011.

RIBEIRO, D. (1976). **Maíra**. São Paulo: Record, 1996.

_____. **O povo brasileiro**. **A formação e o sentido do Brasil**. São Paulo, Cia. Das Letras,1999.

ROTH, P. **A marca humana**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

SEBALD, W. G. **Austerlitz**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

SOLLORS, W. Ethnicity. IN. **Critical Terms for Literacy Study**. Frank Lentricchia: Thomas McLauhlin (eds.). Chicago/London: The University of Chicago Press, 1990, p. 288-305.

SOUZA, J. **A construção social da subcidadania: para uma sociologia política da modernidade periférica**. Belo Horizonte: Editora UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2003.

STEINER, G. **Nenhuma paixão desperdiçada: ensaios**. Trad. Maria Alice Máximo. Rio de Janeiro: Record, 2001, p. 151 – 166.

TAMARO, S. **Responda-me**. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.

_____. **Vá onde seu coração mandar**. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

Recebido: 30/04/2011
Aprovado: 25/07/2011